



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Vulcão

AUTOR

Abel Neves

ANO

2009

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Abel Neves

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015

Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Vulcão

AUTOR

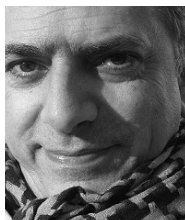
Abel Neves

ANO

2009

Este texto teve estreia em 2009
no Teatro Nacional D. Maria II,
Lisboa. Encenação de
João Grosso.

2015 Coimbra



Abel Neves

1956. É dramaturgo e coordena a Oficina de Escrita do Texto Dramático, Sociedade Portuguesa de Autores em Lisboa, que acompanha desde 2006. Possuidor de uma vasta obra literária, escreve desde romances e poesia a textos para cinema e televisão. De 1979 a 1991 trabalhou na Comuna-Teatro de Pesquisa na área de Dramaturgia e Assistência Literária, tendo ainda participado como actor em múltiplas criações teatrais. Na mesma entidade, de 1987 a 1989, foi responsável pela disciplina de Dramaturgia no Curso de Formação de Actores e Animadores Culturais. Em 1990, foi coordenador de Dramaturgia no Estágio de Criação Dramática para jovens Actores e Autores Europeus no âmbito da Convenção Teatral Europeia e em 1997 foi orientador de Curso de Guionismo, ADIIS - Associação Para o Desenvolvimento. Nos anos seguintes, foi professor convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema, na Universidade de Évora e na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo para leccionar na área de dramaturgia. Em 2009, recebeu o prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva com o texto *Jardim suspenso* e em 2014 foi distinguido com o prémio Autores 2014 pelo Melhor Texto Português Representado em 2013, *Sabe Deus pintar o Diabo*. É também autor das peças para teatro intituladas *Touro*, *Anákis*, *Amadis*, *Terra*, *Medusa*, *Atlântico*, *Finisterrae*, *Arbor Mater*, *El Gringo*, *Lobo Wolf*, *Inter-rail*, *Além as estrelas são a nossa casa*, *Supernova*, *Provavelmente uma pessoa*, *Vulcão*.

*Uma chaise longue e duas cadeiras, à frente das quais está uma pequena e baixa mesa com tampo de mármore, quase um altar. Atrás, ao fundo, amontoados, alguns pequenos sacos de serapilheira ensanguentados, e uma estante com muitos e velhos frascos de vidro em cores suaves, podendo predominar o branco, o verde e o âmbar. Guardam líquidos e substâncias que, longe, não podem distinguir-se. A iluminação dos frascos é, também ela, suave, num jogo sedutor de brilhos. Um pinguim de peluche está pousado na chaise longue. Entra **Valdete**. Usa um avental branco, imaculado.*

Por aqui, se fazem favor, por aqui. Não reparem. A sala está como está... não reparem. *Espera que as duas personagens imaginárias ganhem assento e senta-se no extremo da chaise longue, afastada do pinguim. Algum tempo.* Os senhores ainda demoraram um tempinho, mas obrigada por terem vindo, é muito gentil da vossa parte. *Breve pausa.* A coisa já se deu, a coisa já passou, está arrumada! "Os senhores vão a casa da Valdete." Foram mandados e os senhores vieram... foi, não foi?... Os senhores vão testemunhar a minha maneira de ser, só pode ser isso. O resto é a vida, tal qual é fora de mim, como se eu não existisse, e é isso que dói muito às vezes. Sou muito sensível ao calor. Tem dias que fico quieta a olhar a carpete e... olhem, é como agora... elas saltam e fico com as pernas até ao joelho que parecem pasta de cacau. Não estão a sentir um formigueiro nas pernas, até ao joelho? Assim uma coisa de cócegas e ao mesmo tempo horrível se olhamos para elas? Não? É porque estão de calças. *Breve pausa.* Em dias nublados, assim de trovoadas, aparecem menos, não sei porquê, ficam na carpete... o pulguedo parece que fica morto, se calha só acontece aqui. E acontecia com o meu marido. Ficávamos os dois a olhar para a carpete e ele dizia: "Valdete, estão quietinhas. A vida é um mistério, então não é?" E eu respondia: "Sim." Eu quase sempre respondia sim. Habituei-me a dizer sim para não o contrariar. Contrariado, ele mudava até a cara e ficava a olhar-me com uma fúria tão contida que espumava e rebentava se eu não dissesse logo que sim. Ele gostava de odiar. Era nojento, um asco, um porco. *Breve pausa.* Tudo é ainda muito fresco, é natural que eu... que eu não... não queria que ficassem com má impressão. A nossa casa foi herança da minha mãe. Digo nossa porque ao tempo em que nos decidimos por ela ainda o amor fazia milagres. Casámos. Uma cerimónia íntima, na igreja. Na igreja, mas íntima. Ao passarem o portão, há pouco, viram um casebre todo em vidro e folhagem? Era aí que ele fazia os vasos para recolha... recolha. Fazia-os em castanho, carvalho... pequenos vasos maciços... polidos... tudo à mão, artístico... nisso, eu ajudei-o, sim... fazia umas pinturinhas em volta. O meu marido gostava do nome... canopos. Uma aldrabice, era o que era! *Para uma das personagens imaginárias.* O senhor não conheceu o meu marido. Era uma jóia. *Breve pausa.* Como que ouve algo no exterior. Levanta-se. Vai com intenção de levar a mão ao pinguim para pegar nele, hesita, sempre com atenção ao que ouve no exterior, e sai, deixando-o sem lhe mexer. Reentra pouco depois. Dediquei-me ao meu marido e qual foi a paga dele? *Breve pausa.* Se havia alguém que o odiava esse alguém era eu, mas cuidei dele até ao fim. E no fim... a paga. Ele estava capaz de tudo ainda. Andava, fumava, bebia, mas o resto, tudo o resto... aquilo foi ele para me deixar no inferno. *Breve pausa.* A coisa começou por ser mesmo insignificante. Deitava-se a cismar. Foi assim que tudo começou. Vieram as insónias. Destrambelhou. Eu dizia-lhe: "deixa-te disso, há mais vida para além dos bichos, olha

mas é para o teu filho”, mas ele cada vez recolhia mais animais. Arrebanhava-os por tudo quanto era sítio, descia à cidade com a carrinha e procurava, nas traseiras dos restaurantes, no cais, ao longo dos caminhos de ferro, na estrada. Há pessoas que gostam dos bichos só por um mês e meio, um mês, uns dias, nem isso, querem desfazer-se, não sabem como e largam-nos por aí. As crianças, já se sabe, são como são. Arrancam as pernas aos gafanhotos, por exemplo, para verem como é que eles são capazes de saltar. E há os caçadores que trazem os cães e deixam-nos... deixados à sorte, é isso. Há razões, não interessa. O meu marido tratava deles. Punha-lhes a mão por baixo do queixo e falava com eles. Era capaz de deitar a língua sobre as línguas deles, uma porcaria, mas era amor, e eu odiava. Construiu um anexo, uma albergaria, ele chamava-lhe albergaria. Para não chamar canil chamou-lhe albergaria. Tinha disto, distraía-se com nomes. Era um pulha, o meu marido. Posso dizê-lo agora, com todas as letras. Ao princípio foi amor, sim, ao princípio. Havia quem viesse ver-nos. Nunca me hei-de esquecer... ele punha-se ali naquele canto... *Olha para o lugar e assume a presença do homem.* “Valdete, tu vê-me como estão as tigelas! Têm de estar limpas. Limpas, ouviste? Ouviste?” Era assim. Gostava de repetir os “ouviste”. Quase sempre duas vezes, raramente três. Para o fim repetia até ao infinito... “ouviste? ouviste? ouviste? ouviste? ouviste? ouviste? ouviste?” *Grita.* “Pára!, chega!, ouvi!, estou farta de ouvir!, pára!”. Se eu conseguia gritar mais alto, ele calava-se. *Breve pausa.* O meu menino nasceu aqui, num desses quartos. Quis que ele nascesse aqui. O parto foi demorado, o meu marido estava no casebre, não quis ver. *Breve pausa.* *Olha para a mão direita.* A minha mão dói-me sempre que falo do meu menino... uma dor fininha entranhada nas articulações. Ele nasceu a respirar mal. *Breve pausa.* Eu, o quarto do meu menino, decidi que ficava todo pintado com margaridas amarelas. Não sei se estão a ver... margaridas amarelas. O quarto todo. O chão também. *Breve pausa.* Vem o meu filho, um dia, já crescido, e diz-me: “Mãe... Uma pessoa olha para a lua e cansa-se. Uma pessoa suspira, até boceja. Há o peso da lua que podemos imaginar aí em cima a boiar no mistério. É possível meter a lua no bolso se dissermos que estamos a meter a lua no bolso. A lua nunca pode estar dentro dum bolso, mas é porque nunca poderá estar que eu meto a lua dentro do meu bolso. Quem olhar aí para cima não a vê e não a vê porque está dentro do meu bolso. As minhas calças são de fazenda e hão-de aguentar bem o peso da lua. Meti-a dentro do bolso porque estou cansado dela. Vai ficar longe do céu até que venha a polícia dizer que está mal ou venham os namorados reclamar. Então, deito o bolso para fora, e ela vai cair. Sei que irão estranhar a lua estar no chão, mas não posso fazer nada. Ou posso: antes de deitar o bolso para fora vou ao mar e então, sim, deito o bolso na água, e a lua vai ao banho. Ela entra e sai do mar e volta ao céu e sem precisar de barco. É assim. Tenho a certeza.” *Breve pausa.* Depois disto, o que é que uma pessoa há-de dizer, o que é que uma mãe diz? *Breve pausa.* O meu filho é cego. *Breve pausa.* Fui contar a história ao meu marido e ele disse “Temos em casa um filho da puta dum sobredotado, é o que é!”, e mandou-me tirar a saia, enquanto foi ao quarto dos brinquedos. Pus-me de gatas. *Breve pausa.* Estou a contar que é para não me esquecer... contadas, as coisas lembram-se melhor... mesmo se forem contadas conforme cai ou não cai a chuva, desordenadas. *Breve pausa.* A mania pelos cães foi ele buscá-la logo depois que o meu filhinho nasceu. Em vez de querer que ele pudesse ver um dia, uma operação milagrosa, qualquer coisa, ele

desejou que o nosso filho morresse, eu sei. Nunca mo disse, mas eu sabia. Liguei o vídeo e pus-me de gatas – ele via sempre um filme sobre a matança à paulada de focas-bebé do Ártico... era o sangue na neve que lhe dava tesão. A lua estava lá, via-se daqui... dali. Fechou o miúdo, como sempre, no quarto dos brinquedos e eu estava de gatas. Dessa vez – recordo-me bem por causa da lua, estava diferente, não sei, era a lua do meu menino - ele perguntou-me o que é que eu achava do extermínio. Ele a entrar por trás de mim e a perguntar-me uma porcaria daquelas, eu estava a gostar – às vezes gostava - e ele a perguntar-me... “percebes que o extermínio pode ser um bem para a humanidade?” Eu estava a gostar e não estava a perceber, é verdade. Aliás, não estava a pensar bem. Lembro-me da pergunta porque estava uma lua diferente, havia a história do meu filho, e a pergunta era uma porcaria. Extermínio? Logo que acabou – e sempre acabava depressa – eu perguntei-lhe outra vez... extermínio? “Sim, o extermínio pode salvar a humanidade”, disse ele. O nosso filho tinha oito anos. Há oito anos, portanto, que o meu marido andava com os cães. Ele começou a interessar-se por cães logo depois do nascimento do nosso filho... do meu filho.... eu com a vida do meu filho para cuidar, porque era preciso cuidar da vida de um menino que era cego, e ele com os cães. Logo que soubemos da infelicidade da criança, estranhei que o meu marido só me falasse em cães e a dizer-me que ia trazer cães para casa. “Os cães fazem bem aos cegos”, disse ele. “É um bebé”, disse eu. “É para se habituar”, disse ele. E eu: “Não vais trazer cães cá para casa”. E ele: “Claro que vou!” E eu: “Mas que cães vais trazer?” E ele: “Os que me apetecer.” E eu: “Não vais trazer daqueles cães horríveis que podem matar qualquer pessoa!” E ele: “Não há cães desses. Só se forem treinados.” E eu: “Não quero cães!” E ele: “Quero eu!” “Queres saber uma coisa que se passou?”, disse eu. Ele olhou para mim. “Um homem ia com um cão. Encontra uma amiga que já não via há muito. Todo contente, ele diz para ela, “Olá, amor!”. O cão atira-se furiosamente à mulher. Depois perceberam: o antigo dono do animal era polícia e tinha treinado o cão para atacar à palavra de ordem “amor”. Bonito, não achas? Veio no jornal, não estou a inventar.” *Breve pausa.* Sempre que podia, e para fugir aos cães, eu ia com o meu filhote à procura de pirlampos, dizia-lhe como eram os pirlampos, como cintilavam, como voavam no céu, entre as folhas, a piscar. O meu marido não sabia falar com o filho, não queria, mas, com o calor do álcool, falava. Ficava calado quando comíamos e se saíamos para passear ele afastava-se e ia para junto dos cães, que andavam sempre presos com grandes correntes. “Os cães querem-se presos”, dizia ele. Comecei a reparar que ele só dava de comer a alguns. Os outros deixava-os morrer ou deitava-lhes cianeto na comida. Mesmo aos outros, se lhes notava algum defeito, deixava de lhes dar comida. Começar pelos cães. Era assim que o meu marido pensava. Tudo era simples com o meu marido, vergonhosamente simples. Uma pessoa normal o meu marido. No começo eu achava execrável, depois não. Lá está... habituei-me, mas chegou uma altura em que fiquei outra vez mal disposta e quis livrar-me de tudo, até do que fora capaz de pensar até aí. O meu marido continuava fechado no casebre a seleccionar bichinhos e a torturá-los na albergaria. Fazia listas intermináveis com a descrição dos animais, o que faziam e o que não faziam, o estado em que andavam. Nunca perguntava pelo filho e só falava o necessário. Comecei a assustar-me. Cada um que morria, trazia-o para aqui e em cima da mesinha, preparava-o. Guardava as entranhas, e incinerava as carcaças. As cinzas iam para dentro dos cinerários.

Há centenas de vasos no casebre. Podem ver... se quiserem, claro. Mas tudo isto foi o que foi... o que foi... o que foi... agora a vida é outra coisa... as margaridas do quarto do meu filho vão ser mesmo margaridas. *Como que ouve e aflige-se com o que ouve, à distância e que ninguém ouve.* Mas isto... isto... esta herança... leva as mãos aos ouvidos para não ouvir... insuportável de ouvir... *Grita para fora.* Calem-se! *Pausa. Ainda um tempo com ela tapando os ouvidos, mas depois retoma a normalidade.* Uma pessoa pensa... uma pessoa há-de conseguir livrar-se do mal... é o que eu acho, era o que eu pensava quando ele me obrigava a trazer os sacos aqui para cima... sacos de serapilheira com os bichos lá dentro. Digo a palavra com todas as letras e já não me dá a volta ao estômago. Habituei-me...

e x t e r m í n i o

... ele escreveu a palavra em todos os vidros das janelas do casebre, olhava para fora e lá estava a palavra escrita no vidro, por cima do bosque. Fez saber na vila que era médico... veterinário. Alguns cães que apanhava era para fazer experiências sobre o comportamento, dizia. Isso não é coisa de veterinário, mas as pessoas não se importavam com o que ele dizia nem com o que fazia. A verdade é que não sabiam. Ou não queriam saber. Não queriam saber porque ainda antes de eu ficar esquecida nesta casa - presa, é melhor dizer - faziam de conta que não se passava nada por aqui. "O mundo é como é, mas pode ser melhor", disse-me ele quando abracei pela primeira vez o meu filho. Não percebi logo o que ele quis dizer e sempre tive dificuldade em perceber. Agora... agora acho que percebi. Nunca foi capaz de tocar no meu filho. Nunca! E quando digo nunca é nunca. Quando o mandava ir para o quarto dos brinquedos empurrava-o com a bengala. Era com a bengala que o levava, como se ele fosse um porco ou um vitelo. O meu menino... ia assim com as mãozitas ao longo da parede, chegava à porta do quarto e entrava. O monstro fechava a porta e dizia-me para lhe levar a comida só depois da refeição dos cães. Uma vez ou outra eu conseguia sair com o meu menino, mas isso foi antes de ele andar. Ia para o bosque. Longe do casebre, da casa, só desejava que viesse um urso furioso ao meu marido e lhe metesse as unhas na carne e o despedaçasse e devorasse. Desejar que isso acontecesse a alguém a quem tive amor... amor... por que não me dei conta? Havia uma dobra que ele tinha em todas as calças que sempre me fez impressão, não era bem impressão, era pior, era eu a não conseguir viver com aquela dobra nas calças, mas ele não queria que eu mexesse naquilo, obrigava-me, aliás, a olhar para a dobra e a dizer-lhe "vou de gatas". Era parte da minha vida, isso... de gatas. Todos os dias tinha de pôr-me em quatro. Uma noite, assim por trás, agarrei-lhe no coiso e apertei-o com ganas de lhe fazer saltar logo ali os olhos, mas ele atirou-se ao meu pescoço e eu estive para morrer. Depois disso, vieram as algemas. *De novo como que escuta e logo depois ouve-se o latir de cães e uivos, sons distantes.* Pobres bichos... dantes até gostava de os ver no fim... achava que havia misericórdia. Ouço-os e são insuportáveis... chiamo antes mesmo da agonia. *Vai ao pinguim, abre um disfarçado fecho na barriga do boneco e quando está quase a tirar algo do interior os cães calam-se.* Eles pressentem... sabem... maldita herança! Fecha a barriga do pinguim. O meu menino é que gostava do pinguim. *Pausa.* Agarra o *pinguim* e é como se fosse o seu *menino*. *Depois, pousa-o.* A esperteza dos monstros não é humana e foi feita por Deus também senão não estava aí e eu não teria de me pôr de gatas. *Breve pausa.* As

insónias e os cães tomaram conta do meu marido desde o nascimento do menino, e ele mudou de homem para monstro, mas alguma coisa nele já havia antes porque não se muda de um dia para o outro. O meu menino veio dele também e isso dá-me susto... mas havemos de ser felizes. *Esfrega as mãos no corpo como se quisesse limpá-las de algo incómodo, sangue.* Ah, como é que posso livrar-me da lembrança de coisas que não quero lembrar? Há sempre tanto mundo a entrar e a sair de nós, coisas que sujam, que limpam... *Entra em volume alto o som de uma matilha. Ela leva as mãos aos ouvidos e querendo proteger-se ainda mais, desarruma rapidamente a chaise longue, talvez voltando-a, e colocando-lhe em cima as cadeiras, juntando-as, alterando o dispositivo, criando quase um muro, ficando ela atrás, escondendo-se.* Grita: Não!!! *Som da matilha fica a ouvir-se muito baixo, longe. Ainda escondida:* Por que me fazes isto? Por que trazes os cães? *Breve pausa.* Ela aparece abraçando o *pinguim*. Tu parece que não me vês, que não me vês à tua frente. Vens doido. Sou a tua mulher, Samuel. Pensa no que estás a fazer. Quem está nos meus braços não te vê e nem consegue chorar. Leva daqui os cães, dá-lhes trela, Samuel, enxota-os daqui, deixa-me respirar sem ter de sentir o bafo das criaturas. *De súbito, o som da matilha, perto. Ela refugia-se um pouco mais, mas sem se esconder. Ouvimos, muito perto, o som da respiração de um cão.* Não... o meu menino não... peço-te... Samuel... *O cão afasta-se. E também a matilha, desaparecendo os sons por completo. Ela levanta-se, devagar, ainda abraçada ao pinguim.* Vou fazer o que tu queres, sim, não estava a pensar noutra coisa, só penso no que tu queres, meu querido, mas antes deixa-me levar o menino, está assustado. Deixa-me levá-lo... *Breve pausa.* Não vê, mas ouve... e sente... não? *Breve pausa.* Está bem, não falo... não falo, mas deixa-me levá-lo... por favor, Samuel, o menino está cansado. *Por momentos fica suplicante. Depois dirige-se à frente do dispositivo e pousa o pinguim, ficando bem à vista. Vai atrás e coloca umas algemas e exhibe as mãos para Samuel. Aqui? Baixa-se lentamente e desaparece. Devagarinho, Samuel...* pode ser? E subitamente um grito de dor e depois o regresso da matilha de cães. *E subitamente os sons desaparecem. Outra luz em cena. Ela surge, sorridente, e arrumando o dispositivo com uma outra ordem e o pinguim de novo sobre a chaise longue.* Samuel!... Samuel!... Viste como fui capaz de dar uma volta à casa? Andava há tanto tempo para dar uma volta à casa. Estava a precisar. Se calhar não notas, mas assim até parece que os cheiros que vêm lá de fora duram mais, não sei, parece que entram pelas janelas de maneira diferente. Seja como for trouxe alfazemas e camomila. Pus um lírio no teu copo dos dentes. *Breve pausa.* Ouviste? Trouxe-te um lírio! *Sorrindo.* Queres saber uma coisa? Há um bocado quando vinha para casa, ainda não tinha saído do caminho do bosque, e passou por mim, sabes quem? A Lurdes, a que trabalha na loja. Viu-me e ficou a tremer tanto, que não percebi, e não lhe saía coisa com coisa, nem palavras nem gestos, assim uma espécie de aflição quando me viu, mas ainda conseguimos sorrir uma para a outra. Isto porque nos cruzámos, por acaso e assim de repente, só pode. Uma pessoa quando se cruza com outra e não está à espera, mesmo se se conhecem, pode dar azo a não se saber muito bem o que dizer. Ela levava um saquinho de plástico com folhas de eucalipto. Aqui perto não há eucaliptos... houve uma altura que passámos uma tarde a apanhar folhas de eucalipto, lembra-te, que me levaste uma vez ao pé do mar? O nosso menino ainda gosta tanto de cheirar o eucalipto metido na água quente. Trouxemos bem... quê?, duas sacas cheias de folhas?

Guardaste no casebre, não foi? Estavam lá, pelo menos, da última vez que precisei estavam lá, penduradas em molhos, atadas com aquelas fitas de colmo. A Lurdes faz-me sempre desconto quando lá vou. Tão atenciosa, que eu às vezes... *Breve pausa.* Sim, eu sei que estou proibida de ir à loja, mas o menino precisou que eu... *Breve pausa.* Está bem, Samuel, não volto... sim, eu sabia que não tinha nada de ir à vila, sabia, sim... *Ajoelha-se e fica sentada no chão.* Desculpa... *Pausa.* Desculpa, sim? Não volto a sair... *Ela olha fixamente, algures, ergue-se ligeiramente, fica de gatas e cai de bruços.* *Pausa.* Um dia, juro, hei-de ser feliz... *Pausa.* *Levanta-se e senta-se na chaise longue, ao lado do pinguim.* Então, eu ia para o alpendre da casa com o meu menino e ficávamos a olhar para o bosque. Mesmo quando começava a ser noite. Ele fazia-me perguntas e eu respondia como podia. Não tinha respostas que viessem dos livros, nunca fui de ler muitos livros. O meu marido é que sim, mas não sei para que lhe serviram. “Quantas árvores tem o bosque?”, perguntou o meu filhote. E eu: “As que pudeses imaginar”. E ele: “Assim são muitas. Devem ser menos.” E eu: “São menos, sim, mas podes pensar que são as que tu quiseses.” “Não são do mesmo tamanho, pois não?” “Não. São todas diferentes.” “Por que é que o paizinho não me quer ao pé dele? É por eu ser cego?” *Breve pausa.* E eu: “Meu querido, o paizinho quer que tu estejas sempre ao pé de mim. É isso. Não quer que tu te percas. Ao pé dele podias-te perder. Ele anda sempre por muito sítio, aqui perto, é verdade, mas às vezes perde-se.” E ele: “Uma pessoa antes de se perder, já se perdeu.” E eu: “Quê? Repete.” E ele: “Uma pessoa antes de se perder, já se perdeu.” O meu menino cresceu, tinha dez anos e estava a dizer coisas destas. Eu não queria perdê-lo. “Sobredotado”, repetiu o monstro, “uma estupidez. Acontece.” *Ouvem-se sons da noite no campo, grilos, rãs.* E uma noite, antes da hora de o levar à cama, estávamos os dois aqui no alpendre... tinha-lhe trazido um chocolate quente e biscoitos de amêndoa..... “Eu, se pudesse, desaparecia”, disse ele. E eu: “Desaparecias, como?” “Não sei”, disse ele, “tu depois ias ter comigo?” Ele a dizer estas coisas e eu a sentir uns arrepios de frio, não sei porquê. E de repente – acho que não sou capaz de dizer mais nada – vi uns vultos com gorros a taparem as caras e casacos compridos, meteram-me não sei quê na boca e acordei no quarto não sei quantas horas depois. Nunca mais vi o meu filho. *Para uma das personagens imaginárias.* Gostava de estar agora a mentir... nunca mais, sim... nunca mais. As vezes que eu perguntei: “Samuel, deixa-me sair, deixa-me procurar o nosso filho” e ele: “Não tens nada de procurar. Ele está bem onde está, pára de ser histérica!”. “Onde? Onde? Que fizeste ao meu filho?” Perguntei vezes sem fim e ele deixou de responder. E a minha vida mudou. Comecei a pensar em como poderia ser uma pessoa boa... como é que eu poderia ser uma pessoa boa... que aceitasse tudo o que até aí me tinha acontecido e ainda por cima pudesse ajudar o meu marido a ser ainda mais o homem que era. Um dia volto a abraçar o meu menino, foi nisto que acreditei, foi o que me ajudou. E desatei a ser boa, boazinha demais. O que o meu marido me mandou fazer, fiz tudo muito bem. Punha-me de gatas, mesmo sem ele mo pedir, passei a esfregar o soalho da casa todos os dias porque ele entrava com os cães e gritava: “Estes filhos da puta estão a sujar o soalho! Não te cheira a cão?” Cheirava, mas não dizia, não falava, acenava que sim. Ia buscar o balde e a esfregona e passava-a no chão. Às noites, e se sentia que não ia ter insónia, com receio de que eu pudesse fazer-lhe alguma coisa enquanto dormia, fechava-me aqui, na sala e eu ficava-me com os olhos nas grades dessa janela... ele mandou

pôr umas grades... e se saía com ele à rua, eu não conseguia afastar-me muito. Era a trela... a trela não deixava. Passei a ver o bosque de longe, daqui. Pensava aonde poderia estar o meu menino e deixei de sofrer. Ele estava com certeza à minha espera num lugar bonito que o deixava respirar e brincar. *Ouvem-se os cães. Ela leva as mãos aos ouvidos, sendo-lhe insuportável ouvi-los. E num ímpeto abre a barriga do pinguim, retira uma faca e sai. Pouco depois, os cães calam-se. Ela entra com o avental ensanguentado, sem a faca.* Soltei os bichos. Há sempre um ou outro... não interessa. É tudo... o mundo acabou. Vou ser feliz... mas não liguem ao que eu digo... fazem melhor se não ouvirem... eu aqui não passo de um risco na paisagem. *Ri.* Cheguei a pensar que um dia seria capaz de passear de mão dada com ele! Os dois por aí, eu meio tola encostada ao peito dele, à sua carne cor de rosa. Nunca demos as mãos, nem quando julguei que estávamos a viver no amor, e muito menos quando decidi que ia ser boazinha. *Breve pausa. Vai para trás da chaise longue.* Uma noite entra-me aqui na sala. Por essa altura já ele tinha mais de duzentos cães atirados à morte... estropiados, doentes, eu sei lá, mais de duzentos vasos nas prateleiras do casebre... estão lá, com luz podem ver-se, sem luz não... eu estava deitada, aqui, ele vem assim por cima, com um bafo de álcool... "tens de vir comigo, fiz uma obra." E eu: "Que obra?" "Tens de ver." E eu: "Ponho-me de gatas?" E ele: "Agora não. Depois." Pôs-me a trela e levou-me para o campo. Andámos um bom pedaço depois do casebre. Apontou o caminho com a lanterna. Havia dois muros que eu nunca tinha visto... começavam baixos e iam aumentando na altura e a afunilar num ponto lá à frente. Aproximámo-nos, subimos por um dos lados, ao longo do muro. Visto de cima era um buraco, reparei que estava tapado com galhos e ramagens. O bordo do poço - porque era um poço - dava-me pelos joelhos, tive medo de cair. "Vês?", perguntou ele. E eu: "É o quê?" E ele: "Aos Domingos funciona como armadilha. Nos outros dias, não. Vou pô-los aí, vão acabar aí, caiem aí e pronto, acabam." Lembrei-me do poço da morte das feiras, era parecido, só que não havia artistas a correr em volta. E eu: "É um poço?" Disse-me que era um fojo, uma armadilha... antigamente espantava-se o lobo e ele corria assustado pela serra e afunilavam-no entre os muros até tombar no buraco. Depois atiravam-lhe pedras. Podia ser outra coisa, um tiro, outra coisa, mas pedras quase sempre. "Vou ver como é. Até que ponto ficam ferozes. Quero ver a ferocidade deles com a fome. Vou atirar com vários aí para dentro." A trela - a bem dizer, o cinto especial que estava obrigada a usar com uma grande corrente de argolas de metal que ele segurava ou prendia onde queria - estava apertada, disse-lhe e ele mandou-me pôr de gatas. Não gostou que lhe tivesse falado da trela enquanto estava a mostrar-me o fojo, mas dessa vez não fez nada. Obrigou-me a estar assim a olhar o poço. Deu-me uma palmada no rabo e voltámos para casa. Estava a cair humidade, nevoeiro, e senti que as suas mãos tremiam. Nessa noite deixou-me dormir na nossa cama. Meteu a chave no ferrolho do cinto e tirou-mo. Pendurou o cinto com a corrente num gancho que vinha do tecto e despiu-me. Abraçou-me, senti as suas mãos a tremer ainda mais e disse que me amava, os olhos meio fechados, os lábios meio babados mais o bafo do álcool sobre a minha boca. Disse mais umas coisas que não percebi e fizemos o costume. Deitei-me com as algemas, mas podia mordê-lo durante o sono. Logo que pensei que podia mordê-lo, senti um nó a apertar-me nem sei o quê, mas era dentro, bem dentro de mim... sinal de que era boazinha... então, quis tratar dele, acarinhá-lo, dar-lhe carícias, imaginá-lo como era dantes,

ao tempo em que não éramos casados, que namorávamos às escondidas de todos, aí na floresta. Tudo isso era da minha mãe, que herdou do meu pai. Depois, veio para mim. Vai-se no caminho onde há roseiras bravas, amoras silvestres, nogueiras, pereiras e depois, para lá de um ribeiro que aparece no fundo da encosta, lá está a verdadeira riqueza do bosque, a parte grande cheia de carvalhos e castanheiros. *Breve pausa.* Nalgumas noites, antes de me meter aqui na sala, eu via-o sentado em frente da lareira da cozinha a contar dinheiro, notas e mais notas, dinheiro fresco. Contava e voltava a contar, as mãos a tremerem. Um dia, há pouco tempo - e acho que levo três anos sobre o desaparecimento do meu filho... três anos, não é muito... é muito... é o tempo que é - um dia... ele leva-me de passeio. Diz-me: "Põe as botas e vem comigo!" E nem mais uma palavra, comigo pela trela, no caminho... as mãos dele a tremerem, os passos dele nada seguros e eu a ver em que vergonha estava metida... eu, na terra que fora do meu avô, da minha mãe, minha... e agora dele... eu a caminhar com uma trela, à frente dele, a tirar-lhe as pedras do caminho para não cair. Quando se está no ribeiro tem de se subir a outra encosta para conseguir ver o resto da floresta, consegue ver-se tudo, a riqueza toda. Chegámos ao ribeiro e ele disse: "Bebe água." E eu bebi. "Está gelada?" E eu: "Não." "Dá-me água." E eu dei-lhe. Foi simpático querer que eu bebesse primeiro do que ele, mas se a água estivesse fria ele não teria bebido. Subimos a encosta. Logo à vista da floresta, caí de joelhos, e chorei. Ele agitou a trela e não consegui levantar-me, fiz um esforço e não consegui. Ele esticou, puxou com violência. Tomei, de costas, fiquei com os olhos no céu. Foi melhor assim. Ele tinha mandado cortar todos os carvalhos e castanheiros. *Breve pausa.* Os troncos cortados rente ao chão... "É a paisagem que eu gosto", disse ele. "Levanta-te!" Mas não conseguia levantar-me, e não queria rever a paisagem que ele gostava. "Vamos embora, leva-me daqui... peço-te." Uma vez mais obrigou-me a olhar, e regressámos a casa. Sentou-se à frente da lareira e eu enrolei a corrente à volta do cinto. "Estamos ricos", disse ele, com as mãos a tremer e a mostrar as notas. "Vou tirar-te o cinto, queres?" *Detrás da chaise longue, retira um insólito cinto de cabedal, largo, com uma fechadura e uma longa corrente de metal, que serve de trela. Coloca o cinto, enrolando a trela.* "Desenrola a trela", disse ele. *Desenrola a corrente, ficando caída.* "Se eu pudesse deixar que andasses sem isso, mas não posso... não posso, percebes?" E eu não disse nada. Percebi. "É melhor ficares como estás. Não te quero diferente do que és agora." Mostrou-me a chave bem à frente dos olhos e guardou-a no bolso. Eu voltei a enrolar a trela na cintura. *Enrola a corrente na cintura.* "Cada dia que passa mais eu me convenço da tristeza de tudo isto", disse ele. E eu: "Não percebo." E ele: "Percebes, sim. Tens é de pensar. O mal é não haver quem pense seriamente e bem. E bem, por exemplo, é compreender que é preciso exterminar, acabar com os indigentes, os inadaptados, essas cascas moles no mundo, essa gente invertebrada, a escumalha. É preciso começar por aí. A sério, nunca ninguém começou por aí. Há guerras que servem para isso. Eu comecei com os cães. É a minha guerra. Acabar com a miséria." E eu: "Tu, o que mandaste fazer ao nosso filho? Onde é que ele está? Onde?" E ele *Gritando*: "Histérica! Odeio gente histérica!" Eu só perguntei, baixinho, como se estivesse a falar com o meu menino... a fazê-lo dormir com palavras doces, dessas que já nem há... ainda há palavras doces?... tu, o que fizeste com ele? "Eu estou a pensar coisas más, Samuel... diz-me que não é verdade, peço-te, diz-me que não fizeram nada de mal ao meu menino." *Leva as*

mãos ao pescoço num gesto de aperto lento e dolorosamente progressivo e fala com dificuldade. Sim... não falo mais, a partir de hoje não falo mais... larga-me... por favor, larga-me!... Mas eu estou a adivinhar, Samuel... o que foi que fizeste? *Breve pausa.* Uma pessoa tira um rim e isso dá dinheiro... diz-me, Samuel, foi isso que fizeste... foi? Recebeste o quê pelo rim do nosso filho? O dinheiro para quê? Para o veneno dos cães? Eles já não morrem do veneno. Jura-me que foi só o rim, Samuel... jura-me que o meu menino está vivo... jura-me! *Breve pausa.* Isso, não largues agora... aperta, aperta com mais força... não pares, não pares agora... *Solta as mãos. Pausa.* Eu teria feito tudo por ele, Samuel... eu teria dado o meu corpo... teria dado o meu corpo por dentro e por fora a quem tu quisesses *Pausa. Muda de expressão, sorri.* Lembro-me tão bem dessa primeira vez... *Tira lentamente o cinto como se estivesse a despir-se para essa primeira vez, e também o avental, e senta-se na chaise longue.* Quiseste que fosse eu a despir-me... *Volta-se um pouco.* Também eu não queria ver-te de frente... não queria ver-te logo de frente. Ficaste um bocado a olhar para mim e disseste para me deitar. Não estavas à espera que eu fosse como sou. Foi o que disseste... disseste, sim. Não olhei para ti, preferi não olhar, disseste que não estavas à espera que eu fosse como sou e eu não quis olhar mais para ti. Tu também não deves ter olhado. Não sei se olhaste para mim. Foi tudo muito rápido. Entraste, senti um rasgo... *Estende-se na chaise longue.* ... uma dor e fechei ainda mais os olhos... era quente e doía... eu queria que saíesses... entraste e saíste... foi assim... se era assim, não queria mais... no meio dos teus gritos para dentro ainda bati com a cabeça na parede, ficou-me a doer a cabeça também... *Breve pausa.* A segunda vez já não foi assim. Foi por trás... nunca mais deixou de ser por trás... por trás podias sempre pensar que eu era outra... e eu também não te via. Então por que continuámos? Porque gostávamos... porque eu às vezes gostava... é triste, não tinha outra coisa. *Pausa. Agarra o pinguim.* Tinha o meu menino e tu, pelos vistos, a querer matá-lo... como não fui capaz de adivinhar logo quando começaste a destrambelhar? As tuas cismas, as insónias, os cães... "Valdete, já não tenho espaço lá em baixo. Arranja frascos, muitos frascos, quero muitos frascos! Vão para a sala! Ouviste?... Ouviste?" E eu arranjei os frascos. Falava da cor dos frascos ao meu menino. Não lhe dizia o que tinham dentro. O meu menino cresceu no meio dos cães e eu não podia contar-lhe o que se passava na albergaria nem dentro dos frascos. Dizia-lhe que eram bonitos, que tinham a cor dos frutos e das estrelas e brincávamos a adivinhar a cor das coisas. Dizia-lhe: *Para o pinguim.* "Vou-te dar um pêssego. Pensa bem... que cor é que tem?" Ele pensava e depois dizia: "É amarelo às manchas... como o sol." *Abraçando o pinguim.* Era tão lindo o meu menino. *Atira o pinguim pelo ar.* Gostava de atirar o pinguim pelo ar para depois ir procurá-lo. Andava quase sempre com ele. *Levanta-se, fecha os olhos e procura o pinguim, que logo encontra, ficando ajoelhada junto dele. Sorri, ainda de olhos fechados. Ia pelo cheiro, pela vida, e encontrava-o. No chão, faz uma brincadeira com o pinguim, ficando depois deitada com ele a servir-lhe de almofada.* "É para isto que servem os amigos", dizia o meu menino, com a cabecita sobre o pinguim. E eu: "Não lhe queres dar um nome?" "Não." E eu: "Porquê?" E ele: "Porque posso-me esquecer e assim ele vem ter comigo com um nome qualquer. Por que é que o paizinho não gosta do meu pinguim?" E eu: "Porque ele só gosta de cães... já sabes que ele só gosta de cães." E ele: "Porquê?" E eu: "Tu gostas do pinguim, ele gosta de cães." E ele: "E tu?" "Eu gosto de rãs... e de cigarras." "São aquelas que

cantam ao calor?" "Sim." "Também gosto". *Pausa. Levanta-se com o pinguim e vai sentar-se.* Habituei-me a guardar coisas, a escondê-las. *Breve pausa.* Uma vez, como que a perceber o que se passava lá na porcaria do canil, e aqui, no meio destes frascos horríveis, o meu menino diz-me "Mãe, posso abrir a barriga do pinguim?" E eu: "para quê, meu querido?" E ele: "Para guardar coisas." E eu: "Que coisas?" E ele: "Coisas... coisas malucas... segredos. Quero meter coisas que o paizinho não veja. Pode ser?" E eu: "Mas depois o pinguim pode ficar muito gordo e o paizinho desconfia." E ele: "Ponho coisas que não engordem. Os segredos não engordam. Engordam?" E eu: "Não." E ele: "Posso pôr muitos. E facas e coisas assim." E eu: "Facas, meu querido?" E ele: "Sim." *Abre o fecho da barriga do pinguim e retira um pequeno lenço branco, de assoar.* Ele: "Se um dia chorares já tens lenço para assoar o ranho. Para as lágrimas não é preciso. Mal saem dos olhos secam depressa." *Breve pausa. Retira uma, duas molas de roupa.* O meu menino... as coisas que ele dizia. *Retira uma margarida amarela de plástico. Espreita para dentro do pinguim.* "O que é que vês? Estás a ver os carrosséis?" Pouco tempo antes... antes... pouco tempo antes de nunca mais o ver fomos a uma feira de diversões, uma única vez. O meu marido quis ir à vila e levou-nos. *Agarra o pulso sentindo uma dor mínima.* E não houve ninguém fora daqui que tivesse ouvido os meus gritos de socorro... sim, eu nunca gritei... como é que podiam ouvir? Como é que eu podia gritar? *Breve pausa.* O meu menino ia comigo bem agarrado pela mão. Foi sempre a perguntar coisas. O meu marido atrás de nós, a cheirar a cão, a tresandar. Nem sei como aceitou que eu levasse o meu menino à feira. Pus um lenço na cabeça para não se notar o desalinho em que andava. Os olhitos do meu menino procuravam ver tudo em volta e sorria para tudo o que ouvia, perto e longe, nos carrosséis, nas barracas, nas tômbolas. A primeira coisa que quis ver foi a casa dos espelhos porque estava toda a gente a rir lá dentro. Entrámos. Ficámos gordos e magrinhos, deformados, e fartou-se de rir com os risos que havia. Depois, escolheu o carrossel dos animais. Foi na girafa e eu, ao lado, num canguru. Se a felicidade fosse isto, eu podia dizer sou feliz. E era, eu era feliz ali com o meu menino no carrossel... o vento dava-lhe na cara e não via que eu chorava... de felicidade. Andámos nos carrinhos de choque. Ah, o que ele gostou do cheiro da pista dos carrinhos de choque! Um cheirinho quente a ferro e faíscas, e o som das rodas e dos choques, e o meu marido a ver-nos, em pé, encostado à porcaria da bilheteira a dizer que não havia mais nenhuma volta para dar. Eu via que ele estava a odiar-nos vendo-nos a rir dentro do carrinho, mas o meu menino estava divertido e isso era tudo para mim. Só fizemos uma corrida, mais nenhuma viagem, mas comemos algodão de açúcar. O meu era cor-de-rosa e o dele era branco. Quis branco porque assim não olhavam tanto para ele. Fomos a uma cigana saber da sorte e mais porque ele queria tocar numa bola de cristal. Ela deixou. Disse-me que era tudo felicidade, mas avisou que havia alguém que me queria mal, e que a coisa podia dar-se em qualquer altura e eu pensei no Samuel que estava à nossa espera, à saída, para irmos ao poço da morte. O meu menino não queria entrar, havia muito barulho das motas a roncar lá em baixo na entrada do circuito. Queria mais algodão e eu fui a correr buscá-lo antes que os corredores entrassem a dar voltas. Para que o meu menino não se afastasse, o Samuel deu-lhe a ponta da bengala para ele agarrar. Logo que voltei com o pauzinho cheio de algodão de açúcar, o meu menino largou a bengala, segurou no algodão e deu-me a outra mão. O meu marido, furioso,

deu-lhe uma bengalada que até me doeu a mim. O meu menino só quis comer o algodão de açúcar. Não ligou nada ao poço da morte, as motas faziam muito barulho, pareceu-me. “Acabou!”, disse o Samuel. “Acabou-se a feira!” Eu não sentia o chão. Ando como as outras pessoas, mas nunca tive a sensação de ter os pés no chão. “Não sinto o chão”, disse eu. E ele: “O chão ou os pés?” “O chão”, disse eu. “O chão ou os pés é igual”, disse ele. De vez em quando era inteligente, o meu marido. Depois, ainda fomos atirar bolas de trapo contra uns macacos que estavam encavalitados ao fundo da tenda de um homem zarolho. Acertámos em quatro macacos e não ganhámos nada, mas como o meu menino queria ganhar o prémio do pinguim, e era preciso acertar em sete macacos, gastei todas as moedas que tinha para conseguirmos acertar, e acertámos. A última bola acertou em cheio na careca do zarolho. Não tinha nada que se pôr ao lado dos macacos, mas era uma bola que já não valia para as contas porque já tínhamos deitado abaixo sete macacos. Eu ri primeiro e só depois o meu menino, quando lhe disse. Trouxemos o pinguim e ele nunca mais o largou. Ele agarrado ao pinguim era mais doce que o algodão de açúcar, e ria, era um gosto vê-lo a rir com a cabecita encostada... *Encosta a cabeça ao boneco.* ...eu sempre com a minha mão na dele... fomos jogar matraquilhos, eu com ele porque o estupor do meu marido nem queria que jogássemos, “como é que o desgraçado vê a bola?”, disse ele com o meu menino agarrado ao varão, os olhos a rolares no céu e à espera de jogar. Arranjou-nos algumas moedas e foi-se meter numa tenda a beber. Jogámos, metemos os golos que tínhamos de meter e abraçámo-nos. O estupor continuou a beber e nós fomos ao circo, disse que estava entretido, que não queria palhaçadas e fiquei aliviada. O meu menino gostou de tudo, mas mais dos leões e de um palhaço a tocar serrote. Houve um momento em que se agarrou a mim um bocadinho antes de um trapezista lá no alto fingir que ia cair do trapézio. Nem percebi. Depois, também eu me arrepiei. Sentiu o movimento antes de mim. À saída da tenda, o palhaço deu-lhe um nariz vermelho e ele ficou contente. Quando voltámos para casa, veio agarrado ao pinguim, com o nariz do palhaço. O estupor do meu marido gritou para o banco de trás: “se viesses a tua figura tiravas logo a porra do nariz! Quando chegarmos a casa vais tirar essa merda, ouviste? Ouviste?” Ele nunca falava com o meu menino. Era a bebida a falar, e eu rezava para que o carro seguisse bem na estrada e que nenhum outro aparecesse de repente pela frente. É muito raro alguém passar na estrada, mas mesmo assim eu pedia que não passasse ninguém. Depois de dizer o que disse não voltou a abrir a boca. Sentia-lhe o cheiro do álcool, via o carro aos zigue-zagues, começava a ser noite e eu rezava.... Ele odiava-nos e também ao pinguim e era insuportável de ver quando ele o atirava para o fundo do quarto dos brinquedos aos pontapés. Eu ia apanhá-lo, levava-o para o quarto de dormir do meu menino e punha-o em cima da cama, sobre a almofada. Dormia sempre com ele. Assim os dias não eram tão tristes, com o escroque do pai e a algazarra dos cães. Depois dessa ida à feira, nunca mais saímos. Prisioneiros, eu e o meu menino. No dia em que ele desapareceu, nessa manhã, tinha-lhe dito “vou conseguir que faças os melhores exames nas melhores clínicas, hei-de conseguir, vais ver que vou conseguir, pode ser que ainda consigas ver nem que seja um bocadinho, nem que seja pelo canto do olho, um bocadinho, vais ver... nem que eu tenha de fugir contigo, fugimos e logo se vê”. Ele sorriu. *Breve pausa.* O extermínio... todos os cães ronhosos, todos os cães com fome, escanzelados, todos os feios, os abandonados, todos os cães

que não prestam, ele tratava deles para os exterminar. Perguntei-lhe: "E se um dia alguém faz isto para as pessoas?" Ele olhou para mim, como que a chamar-me estúpida. Assustei-me. Insisti. "E se alguém faz isto para as pessoas?" "Já fizeram". "Já fizeram, quando? Onde? Já fizeram onde?" *Breve pausa.* Ele saía à noite e uma vez – já depois do desaparecimento do meu menino - consegui segui-lo. Ele demorou-se, gastou muito tempo com dois cachorrinhos que tinham morrido juntos, Violeta e Picasso, amava estupidamente esses dois cachorrinhos, e esqueceu-se de me prender a corrente na argola da lareira. Ia triste, muito triste, alucinado. Cuspia de vez em quando, cuspiu e a seguir bebia, parava e bebia, um frasco de bagaço. Eu seguia-o a uma boa distância. Perto do poço, ouvi os cães lá em baixo, enlouquecidos. Ele parou no bordo do poço. Atirou-lhes não sei o quê e mudaram os latidos, mas a ferocidade era igual. Não me pareceu que lhes desse de comer. Era qualquer coisa. Nunca cheguei a saber o quê. Ele olhava para baixo, e, pelo ladrar, eles comiam-no com os olhos. Ele estava a gostar de vê-los. Parecia que eles se comiam uns aos outros. Meu querido bandalho, tu, ali, assim, no bordo do poço e os bichos a ladrarem... ladravam, ladravam, ladravam... era insuportável. E começaste a ladrar com eles, a provocá-los, a irritá-los. Parecia impossível que não se ouvissem onde quer que houvesse gente, mas estamos longe da vila... isto é longe, a três quilómetros está a torre de vigia de incêndios... a três quilómetros. Depois, os cães que estavam na albergaria, mais perto da casa, também ladraram... e ganiam. Era fácil de ver como eras um bandalho miserável, e quando te vi atirar os pedregulhos para dentro do poço, não aguentei e corri para casa. Voltaste, pouco depois. Trouxeste mais carcaças ensanguentadas, sem pele. Voltaste a dominar-me e eu fiz tudo o que tu querias, a tua submissa. A contagem dos bichos, a dissecação, a incineração, o guardar das cinzas. A tua submissa... odeio-te! *Breve pausa.* Muitas vezes me perguntava "E a vida é bela?" Tem de ser, tem de ser... *Breve pausa.* Então... numa tarde de calor, ele caiu e eu estava ao pé dele. Não sabia que era um ataque, só soube depois. Eu ainda estava de gatas. Tinha as algemas, mas naquela vez as mãos não estavam atrás, nas costas. Deu-me uma pena tão grande... tão grande. Aqui estava ele, infeliz, sozinho, e eu com as algemas e sem conseguir ajudá-lo como queria. Esteve um tempo a dizer umas coisas que não percebi, coisas absurdas, a misturar palavras, assim vinham, assim iam ao sabor sabe Deus de quê. Ele aqui no chão e eu "Samuel! Samuel! Olha para mim, Samuel! Quem sou eu, Samuel? Diz que sabes quem sou eu!" E ele, nada. Olhava para mim e ria. Era um riso estúpido. Repetia palavras que eu não entendia, mexia a cabeça de um lado para o outro, devagar, pôs a língua a passar nos lábios, que era uma coisa que ele fazia muitas vezes, fechou os olhos, disse "ê... está bem... ê...", os dedos faziam uma ginástica esquisita e a baterem no chão. Abri-lhe um bocado mais a camisa no pescoço e lembrei-me se ele seria doente de alguma coisa que eu não sabia. Fosse o que fosse, ele estava nas mãos de Deus, só podia estar. Olhava para ele e esqueci-me da vida, não sei... e era ele que eu queria outra vez a dizer "Valdete, ouviste?, ouviste?"... e, de repente, parou, tudo parou. Eu com as algemas, a porcaria do cinto a atrapalhar a vida, a minha e a dele, e ele deitado como se tivesse adormecido. Bati-lhe na cara, meti-lhe uma colher de mel na boca. Não sabia fazer mais nada. Podia ter morrido assim. Depois, abriu os olhos. Olhou em volta e senti que ficou assustado por estar deitado, e levantou-se. Não disse nada. Levantou-se e foi directo à janela. Reparei que andava mal, andava pior, tinha um defeito

qualquer no andar, e a cara... não sei... a cara estava... não sei... talvez fosse da luz, não havia muita luz. "Samuel...", disse eu. E ele, com a voz não muito certa: "Que foi?" E eu: "Nada... não é nada." E ele: "Porra dos cães! Fodam-se!" E eu: "Samuel... tira-me as algemas." E ele: "Já fizemos a coisa?" E eu: "Já." E ele: "Certeza? Não me lembro... hoje não me lembro." Tinha a braguilha aberta, meio sexo de fora, pendurado, sem graça. *Põe-se de gatas e simula o movimento do acto sexual por trás, com as mãos à frente, como se algemadas. Depois, deixa-se cair suavemente no chão.* "Samuel... agora tira-me as algemas. Se te acontece alguma coisa, Samuel..." *Abre lentamente os pulsos, soltando-se das algemas.* Ao mesmo tempo que me obrigava a ficar de gatas, odiava fazer isto, mas fazia-o porque achava que tinha de fazê-lo. Talvez também por isso ele me odiasse. *Pausa. Levanta-se. Vai à estante e recolhe dois pequenos cinerários em vidro. Têm cinzas, em pequena quantidade.* Violeta... Picasso. Gostavas de dar nomes aos cães de gente que odiavas. Violeta era a tua mãe... Picasso era o pintor. Foram dois cachorrinhos. Aqueles de que tu mais gostavas. Por uma vez vi-te chorar e nem foi bem choro, foi um aperto dos olhos, o ficarem vermelhos, raiados duma emoção que te passou, foi uma coisa rápida, passou depressa. Trouxeste os bichos, mostraste, pendurados como coelhos, disseste "O Picasso e a Violeta..." e eu vi que estavam mortos, prontos para o teu serviço. Não estavas à espera que morressem, e logo os dois, os cachorrinhos que te estavam pregados no coração, mais do que o filho que me tiraste, meu bruto. Se eu te denunciasses, se eu corresse, se eu fugisse, se eu não fosse submissa, se eu fosse outra, eu teria vivido outra vida. Os teus cachorrinhos... Por nada deste mundo se podia tocar nestes cinerários. Deviam manter-se assim para sempre, as cinzas guardadas, uma relíquia. Nem chegar perto. E tocar... nunca! Uma relíquia... uma merda! Como vês, tenho-as nas mãos. Olha só o que vou fazer, meu grandessíssimo bandalho... traficante... bandido... *Abre os cinerários e despeja as cinzas no ar, soprando-as.* Precisei de coragem, e cuidei de ti... estás a ouvir? *Grita.* Ouviste?, ouviste? Cuidei de ti! Tu é que dominavas e eu é que cuidei de ti! Rindo. Estou-me nas tintas que venhas misturado com os fantasmas de todos os que atiraste para a morte! Nas tintas! Vou sobreviver, vou ser feliz! Percebeste, meu bandalho? Vinhas-me atrás da orelha, cheiravas mal, despejavas a porcaria da tua baba depois de passares as noites a tirar a pele aos bichos, a fazê-los sofrer porque eram imperfeitos, abandonados, nojentos... vendias as peles... vendias as peles como vendeste o meu menino... exactamente como o meu menino... e eu sem poder falar, sempre contigo, ao teu lado, metida nas tuas garras... presa, sem poder sair, sem telefone, sem poder falar, sem poder correr, presa... humanidade assim... tens razão, é melhor que não haja, mas cuidei de ti. Ao segundo ataque eu não tinha algemas, mas estava presa à lareira. Caíste aqui... e eu estava ali... a um metro?... a um milhão de anos-luz?, mas conseguiste dar-me a chave do ferrolho, meteste a mão no bolso e deste-me a chave... não estavas assim tão mal... caíste, só caíste... mas para te levatares tive de lá ir eu... *Alto.* Ouviste?, ouviste? O teu tremer não me deu nojo, sabias?, antes fiquei cheia de medo de te perder e consegui trazer-te de arrasto... ficaste encostado, a cabeça atirada para trás, os braços sem força, mas estavas a pensar, de olhos abertos, a pensar não sei o quê, a pensar coisas de merda, a pensar que ias acabar, qualquer coisa assim, mas não acabaste, eu ajudei-te, sabias?, ajudei-te a dar mais uns passos nesta vida. Não quiseste nenhum médico, ninguém, e lá começaste a recuperar outra vez... a fala mais ligeira, a cara outra vez redonda, o

beijo descaído, a tua cara que eu já odiava há tanto tempo, meu bruto, mas fiz-te uma festa, acredita que foi uma festa para tu pensares que eu te queria como tu me querias, só isso, uma festa... água, querias água, e fui buscar. Molhaste os lábios, não bebeste, “bagaço”, disseste bagaço, e fui buscar... tu a melhorar e eu a ficar outra vez doente, mais doente, com ganas de querer viver, mas mais doente, a olhar para ti e a ver que tudo estava a recompor-se em ti... tu a ficares melhor... melhorzinho... e eu nisto de ter a alma metida numa lama qualquer... foram dez minutos... uma hora... a um milhão de anos-luz... e pus-me de gatas... pus-me livremente de gatas, percebes?, e sem o vídeo das focas... a merda do meu cu enfiado nas tuas ventas para tu veres que estavas a melhorar, a ficar bonzinho... e a verdade é que ficaste... puxei-te para cima... tresandavas ao álcool todo da tua vida e era como estar a puxar um boi... a puxar um boi para o matadouro... coitadinhos, pressentem como tu... “Extermínio”, disseste... a merda da tua ideia fixa, o desassossego que te fazia viver... e eu aqui a fazer as vezes dum anjo dos aflitos que não olhasse a quem, porque se olhasse bem iria agoniar e vomitar... qualquer anjo iria vomitar, mas eu cuidei de ti, trouxe-te de novo à minha desgraça... *Breve pausa.* *Suplicante.* Onde está o meu menino, Samuel?... só isso, só te peço isso, que me digas que está bem, que logo vou poder levá-lo eu pela vida fora... Samuel, fala, diz qualquer coisa, diz que ele está bem, que tudo o que eu penso não é verdade... que não é verdade... não é... que o meu menino nunca existiu... diz-me... fala, meu bruto! *Breve pausa.* Não falas... burgesso, encostado a mim, babado e eu a limpar, e agarrado à janela, às grades, a cuspir umas coisas para fora, e depois para mim, a dizeres depois não sei o quê... e eu a querer saber e tu a não dizeres... *Breve pausa.* Tudo isto ontem... mudei os lençóis da cama, roupa lavada, encafuei-te no pijama de estar doente, o pijama às riscas, com ursinhos, dei-te um chá, pus a mão na tua testa, não tinhas febre... ainda ladraste... sim, um ladrão, que eu bem ouvi, não era pesadelo, foi um ladrão atirado para mim, a querer dizer-me que eles estavam à tua espera, à espera da tua misericórdia, dos teus venenos... como é possível vir a este mundo para isto? O pijama ficava-te apertado, subido na canela, as mangas muito para cá dos pulsos, estavas ridículo, antes de te meter na cama ainda bailaste à volta do penico... ridículo... eu a ver-te, tu a queres mostrar que ainda estavas vivo, que ias dormir, mas estavas vivo, com o último botão de cima do casaco bem apertado e a estrangular-te, desapertei e tu batestes no peito para eu voltar a apertar, tu querias apertado, querias ficar ridículo, e ficaste... à volta do penico e eu julguei que estavas passado, maluco, mas não, eras tu a dançar uma porcaria qualquer que tinhas na cabeça e agarrei-te para não caíres, cuidei de ti, agarrei-te e tinhas outra vez uma baba estúpida a sair dum canto da boca, sorriste não sei porquê, e sentaste-te na borda da cama a olhar para mim. Nem sei se estavas a olhar para mim. Olhavas. Era assim uma patetice, um bruto pateta à minha frente e eu pus-me a acreditar que ia ser feliz. Não pudeste acorrentar-me e tirei o cinto. Pela primeira vez em muito tempo tirei o cinto à tua vista e tu nada, nem percebeste... um bruto pateta. *Breve pausa.* Dormiste toda a noite e eu ao lado a ver-te, à espera de qualquer coisa, dum suspiro, dum sonho alto que me dissesse qualquer coisa, e nada. Dormiste com o teu cheiro a cão e a álcool, e mais nada, a vida toda assim desse modo, ali deitado, um peso morto à espera de acordar. Vê, repara, não tenho a corrente, não estou presa a nada, não estou presa a ti... Foi a pior noite. Tinha tudo livre à minha volta, havia sossego, o

bruto respirava... *Contempla ao longo da chaise longue.* ...e eu não era capaz de nada, estava ali a olhá-lo, a odiá-lo, experimentei a faca a ver se era capaz, uma das facas da cozinha, era com ela que ele abria os cães e passava a manteiga no pão... faca para tudo. *Passa a mão sobre o corpo imaginado do bruto deitado na chaise longue.* Desapertei-lhe o botão de cima do casaco e o botão a seguir. A lâmina assim perto e os pêlos do peito começaram a levantar-se... era só para ver se seria capaz... se lhe tocasse ele podia acordar... era só para ver se seria capaz. Perguntei-lhe ao ouvido, baixinho "onde está o meu menino, bruto?, onde está?" Assim baixinho podia ser que ele lá do sonho me respondesse qualquer coisa, mas nada, era de vez em quando uns roncões e uma saliva a escorrer da boca, fininha... E jurei, jurei com a faca apontada aos olhos, que iria ser feliz e que depois de ser feliz iria encontrar o meu menino, jurei. *Rindo.* Eu ali com a faca e tu tão ridículo, meu bruto, com o teu pijama encolhido, o teu pijaminha... só faltava a caixinha de música com a bailarina de tutu... e depois cheirou-me... eras tu com os teus peidos do meio da noite... sempre tiveste esse vício, mesmo a dormir... eu ouvia-te daqui... tu no quarto e eu aqui e ouvia-te... estavas vivo... os peidos eram uma prova de vida... eras um odre a cheirar a enxofre... ovos podres... um ogre... bandalho... *Breve pausa.* E adormeci. Devo ter acreditado no teu sossego... devo ter acreditado que o sono te levaria e eu não teria outra vez de cuidar de ti. Tão egoísta que eu fui... e adormeci. *Breve pausa. Grita.* "Valdete! Valdete!" Eras tu a gritar, um pandemónio na cama... até me pareceste cego... uma quebra de tensão... um enigma qualquer, e tu não vias, sim, não vias nada, nenhum branco, nenhum preto, nenhuma cor, nenhuma forma... guinchavas que mais parecias um porco, era verdade, não vias, estavas sentado na cama e eu... *Agita as mãos como se as passasse diante do seu bruto.* Nada... nadica... não topavas nada à frente do nariz. Gritavas Valdete e eu fazia de conta que não ouvia, que não estava, que não existia, e tu berravas que não vias, que não vias nada, "Valdete!, Valdete!", e eu nada, a ver-te aos trambolhões entre a cama e o penico. Mas eu queria cuidar de ti, eras o meu bruto, e aproximei-me, devagar, contigo aos guinchos, metido dentro do pijaminho. "Que foi, meu querido?" E tu: "Valdete, Valdete... não vejo nada." E eu: "E queres ver o quê, meu querido?" E ele: "Sopra-me nos olhos, faz qualquer coisa... vê lá o que eu tenho, Valdete, ouviste?, ouviste?" E eu não soprei. "Isso passa, meu querido, vais ver que passa." "Valdete!" "Sim, meu querido?" "Faz qualquer coisa... tira-me desta coisa! Dá-me o braço! Ouviste?, ouviste?" E eu dei-te o meu braço. "Anda, não fiques parada! Anda!" E eu andei, queria cuidar de ti, tinha de andar. "Leva-me à luz! Valdete! À luz! Ouviste, ouviste?" E eu levei. Saímos. Caminhavas mal, muito mal e atiravas os olhos para todo o lado à procura do mundo. Uma estupidez, Samuel... quem te visse, meu querido, com o pijaminho acima da canela, às riscas, com os ursinhos, os chinelos de pom-pom azul bebé, de braço dado comigo e a rebolares os olhos para o céu... "Valdete, onde é que estamos?" "Fora de casa, meu querido... vamos passear, não queres?" "Não vejo nada, Valdete!" "Sossega, vais comigo, eu levo-te..." "Onde é que estamos, Valdete? Para onde vamos?" "Não faças perguntas difíceis... vamos indo... anda, vais comigo..." Começámos a ouvir os cães, cada vez mais alto, a chinfrineira do costume, cada vez mais alto, mais aflitivo, os cães ferozes, os cães com fome... "Onde é que estamos, Valdete?" "Não ouves, meu querido?" Quando parámos, olhei para baixo do poço, não aguentei e tapei a cara com as mãos. Não sei o que me passou, mas vi um vulcão. Onde estavam cães ferozes eu

via um rio de lava incandescente que galgava as paredes e tapei os olhos. Ficaste sozinho, agitavas os braços, guinchavas “Valdete! Valdete! Onde estás?” A beira do poço estava pouco acima do fundo do pijama dos ursinhos. Deste um passo em falso ou eu te empurrei, já não posso saber, e não cheguei a ver a tua queda no vulcão. Corri, corri, corri, como sempre desejei fazer, corri para ser feliz, eu sabia que corria para ser feliz e só parei muito depois da estrada no cimo do monte, na torre de vigia dos incêndios. O guarda desceu e eu contei-lhe que um vulcão tinha saltado nas traseiras da minha casa e que o meu homem... *Breve pausa.* ...que o meu homem tinha caído ao fogo. *Agarra, com ternura, o pinguim. Ouve-se, a aumentar de volume, o som de uma sirene da polícia e também, de mistura, o som de uma sirene de ambulância. A luz intermitente de um pirilampo de ambulância varre a cena. A luz começa a baixar, mas não, o pirilampo e o fundo da estante dos frascos, que ganham um esplendor de luz especial. Ela sorri, com o pinguim.* As coisas grandes fazem-se fazendo as pequenas, meu pinguim. A felicidade é isto... o meu menino há-de saber onde eu estou porque onde quer que ele esteja eu estou à sua espera. *Apenas com a luz dos frascos e o pirilampo.* Ele tinha a obrigação de fazer as coisas bem feitas... era homem... pensava. *Breve pausa.* Há gente boa... gente feliz... só tenho uma vida e a mim calhou-me um monstro. Agora... vou ser feliz.

E S C U R O

NOTA FINAL:

Estreia em Lisboa, no Teatro Nacional D. Maria II, no dia 26 de Novembro de 2009

Direcção: João Grosso

Interpretação: Custódia Gallego

Produção: Teatro do Bolhão/Teatro Nacional de D. Maria II.



centro de
dramaturgia
contemporânea